

### **Foco da segurança deve estar na correção do sistema**

Uma diferenciação importante no conceito de erro profissional cometido pelos especialistas em saúde foi evidenciada na segunda palestra do Farmoterápica Fórum 2010, apresentada pelo nutrólogo e médico intensivista, Juang Horng Jyh, coordenador da Gerência de Risco Hospitalar para Acreditação ONA do Hospital Municipal. “Dr. Carmino Caricchio-Tatuapé”, localizado na cidade de São Paulo.

Juang explicou que o que um Sistema de Gerenciamento de Riscos tem como missão reduzir, mitigar e eliminar é a chamada iatrogenia, palavra originada do grego que significa “qualquer doença resultante de um procedimento de diagnóstico ou de qualquer forma terapêutica”. Diferentemente do “Erro profissional”, que decorre de problemas causados por imperícia, imprudência ou negligência por parte do profissional, sendo considerado atitude reprovável e, portanto, devem ser tratada de forma personalizada e com o rigor exigido por seus respectivos Conselhos de classe profissional. Já as iatrogenias englobam uma série de eventos adversos que não decorrem somente de erros profissionais, mas também de reações e interações medicamentosas, acidentes terapêuticos e reações terapêuticas adversas, bem como de até mesmo de quedas de macas e úlceras de decúbito.

Com isso, atualmente a avaliação de um evento adverso, passou de uma abordagem pessoal, que era focalizada apenas nos erros do indivíduo, culpando-o de esquecimento, desatenção ou fraqueza moral, para uma abordagem sistêmica, que é direcionada ao estudo do processo que ocorreu o evento, isto é, promover a avaliação das condições sob as quais o indivíduo trabalha e da sua interação dentro da sistemática processual. Assim, permitirá construção de mecanismos de defesa que permita a prevenção da reincidência destes eventos adversos, ou ao menos reduzir os seus possíveis efeitos danosos.

Focando sua explanação diretamente no título de sua palestra “Gerenciamento de Riscos em Medicina Intensiva”, o palestrante observou que neste ambiente o número de equipamentos, medicamentos utilizados e consumo de insumos são maiores do que no restante dos ambientes hospitalares. “Tantas variáveis tornam os processos mais passíveis de riscos, o que requer o conhecimento e o desenvolvimento de ações para preveni-los”, comentou, ilustrando com ocorrências reais como embalagens extremamente similares para medicamentos, mas que podem ter efeitos e indicações inversas e sobre o desconhecimento de funcionamento dos equipamentos e tecnologias, evitando o seu uso correto e gerando eventos adversos. Finalizou, enfatizando que a efetivação de um Gerenciamento de Riscos em Medicina Intensiva, certamente trará maior segurança e qualidade na assistência à saúde, resultando em menor tempo de internação, menor custo de tratamento, menor índice de morbidade e de mortalidade, com maior satisfação aos pacientes, funcionários e administradores, também garantindo riscos de processos judiciais.